FICHA TÉCNICA

Título original: *1924 — The Year That Made Hitler*

Autor: *Peter Ross Range*

Copyright © 2016 by Peter Ross Range

Edição portuguesa publicada por acordo com Little, Brown and Company, Nova Iorque, EUA

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Fotografia da capa: *Heinrich Hoffmann* © *Getty Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Depósito legal n.º 422 390/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

«Os Alemães foram libertados de Hitler,
mas nunca conseguirão livrar-se dele.»

EBERHARD JÄCKEL, historiador, 1979

«Como foi possível Hitler chegar ao poder é
ainda a questão mais importante da história
alemã dos séculos XIX e XX, senão mesmo de
toda a história alemã.»

HEINRICH AUGUST WINKLER,
historiador, 2000

«Auschwitz é uma ferida alemã que nunca
sara.»

GABOR STEINGART, jornalista e editor,
2015

Índice

Prólogo: A Imprevisível Ascensão	15
Capítulo Um: Descobrir a Missão	21
Capítulo Dois: O Círculo Encantado	39
Capítulo Três: A Pressão Crescente	52
Capítulo Quatro: Um Outono Quente	64
Capítulo Cinco: O <i>Putsch</i>	80
Capítulo Seis: Bater no Fundo	103
Capítulo Sete: Um Julgamento por Traição	129
Capítulo Oito: O Julgamento da História	148
Capítulo Nove: Reorganização do Mundo	183
Capítulo Dez: O Chefe	196
Capítulo Onze: O Livro Sagrado	211
Capítulo Doze: Uma Segunda Oportunidade	235
Capítulo Treze: Começar de novo	247
Epílogo: O Que Aconteceu finalmente	252
<i>Agradecimentos</i>	265
<i>Notas</i>	268
<i>Bibliografia</i>	292

PRÓLOGO

A Imprevisível Ascensão

«O fracasso do *putsch* foi, talvez, a maior sorte da minha vida.»¹

ADOLF HITLER

No final do dia 8 de novembro de 1923, com um nevão a anunciar-se no ar, Adolf Hitler, um político de trinta e quatro anos conhecido pela sua retórica inflamada, irrompeu para dentro de uma cervejaria apinhada de gente na zona sudeste de Munique. Rodeado por três guarda-costas, dois deles envergando uniforme militar, Hitler empunhava uma pistola. Com «os olhos arregalados e o aspeto de um fanático bêbedo», o franzino Hitler, com o seu metro e setenta e cinco, tentou interromper um discurso que estava a ser proferido pelo chefe do governo da Baviera.² Mas não conseguia fazer-se ouvir. Trepando para uma cadeira, ergueu o braço e disparou um tiro para o alto teto de caixotões. «Silêncio!», berrou. Os três mil membros da assistência caíram num «silêncio de morte», como recordou uma testemunha. A seguir, o homem em cima da cadeira anunciou algo chocante.

«A revolução nacional começou! O edifício encontra-se cercado por seiscentos homens fortemente armados! Ninguém está autorizado a sair.» Por trás de Hitler, um pelotão de homens com capacetes de metal sob o comando do capitão Hermann Göring arrastou uma pesada metralhadora para a entrada da cervejaria.

Assim começou o infame golpe de Estado de Adolf Hitler numa cervejaria em 1923. Chamada *putsch* na Alemanha, a tentativa

de derrube do poder instituído esborrou-se em menos de dezassete horas. Morreram quinze dos homens de Hitler, além de quatro agentes da polícia e um civil. Dois dias depois, Hitler foi detido e conduzido à prisão de Landsberg, a sessenta quilómetros a oeste de Munique. Ficaria preso nos treze meses seguintes, de 11 de novembro de 1923 a 20 de dezembro de 1924.

O *putsch* fracassado — uma tentativa de derrubar os governos da Baviera e da Alemanha — foi uma derrota notória para o líder nazi em início de carreira e para o seu movimento, pequeno mas radical. O ano que Hitler passou na prisão — virtualmente todo o ano de 1924 — foi o preço que ele pagou pela sua investida prematura para alcançar o poder. Não só errara na maior aposta que um político pode fazer, mas também perdera prestígio: foi considerado por algumas pessoas como um palhaço extremista que levava os seus seguidores ao desastre e à morte.

No entanto, quando foi libertado da prisão, Hitler já tinha convertido a sua queda na desgraça e na obscuridade em trampolim para o sucesso. O golpe de Estado abortado, afinal, era a melhor coisa que poderia ter-lhe acontecido, a ele e aos seus planos indisfarçados de se tornar o ditador da Alemanha. Se Hitler não tivesse passado o ano de 1924 na prisão de Landsberg, talvez nunca tivesse vindo a surgir como o político redefinido e revigorado que acabaria por obter o controlo da Alemanha, infligir uma guerra ao mundo e perpetrar o Holocausto. O ano que derrubou Hitler — de finais de 1923 até finais de 1924 — e que deveria ter posto termo à sua carreira foi de facto o momento de charneira da sua transformação, de revolucionário impetuoso em agente político paciente com um plano a longo prazo para conquistar o poder.

Como ocorreu essa transformação? Como é que Hitler fez um uso estratégico do seu fracasso? Por um lado, ele sabia reconhecer uma boa oportunidade de publicidade; descaradamente, transformou o seu julgamento por traição com a duração de um mês, a que assistiram muitas pessoas, numa tribuna política, catapultando-se de agitador numa cervejaria de Munique para figura política conhecida a nível nacional. Um processo por alta traição que poderia ter posto Hitler fora de circulação o tempo suficiente para o seu movimento e o seu carisma

desaparecerem tornou-se antes o que muitos juristas consideraram um embaraço para o sistema judicial alemão — e que muitos historiadores veem como um momento de viragem na ascensão ao poder de Hitler.

Pouco depois de recuperar dos seus sombrios momentos iniciais em Landsberg, Hitler transformou os longos meses fora da luta política num período de aprendizagem, autorreflexão e clarificação dos seus pontos de vista. Na prisão, tinha um público cativo de quarenta homens, os seus camaradas acusados do *putsch* fracassado, e presenteava-os frequentemente com longas palestras baseadas nos seus escritos e na sua mente fértil. Mas precisava de falar ao mundo. Dominava-o o forte impulso de escrever, de captar por escrito a sua filosofia política para os seus seguidores, de gravar com a permanência de obra publicada as suas crenças e os seus dogmas cada vez mais firmes. Durante longos dias e até tarde à noite, martelou as teclas de uma pequena máquina de escrever portátil para produzir o que viria a tornar-se a bíblia do nazismo, um manifesto autobiográfico e político chamado *Mein Kampf*. Publicado depois da sua libertação da prisão, o livro tornar-se-ia em pouco tempo o passaporte de Hitler para a respeitabilidade intelectual dentro do seu próprio movimento. Chamou ao seu período na prisão «a minha educação universitária a expensas do Estado».³

O ano de «educação» de Hitler modificou a sua visão estratégica e modificou-o também a ele. De homem frustrado e deprimido acochado pela dúvida pessoal (o suicídio e a morte foram refrãos repetidos durante e após a tentativa de *putsch*), Hitler tornou-se, ao longo do período passado atrás das grades, um homem com uma autoconfiança desmesurada e crenças radicalmente fixas sobre como salvar a Alemanha dos seus vários problemas. Reinterpretou a marcha fatal que liderara em 9 de novembro de 1923 como um martírio heroico. A uma distância segura da vida política ativa, Hitler permitiu astutamente que o Partido Nazi se envolvesse em quezílias e se destruísse, para mais tarde voltar a trazê-lo à vida segundo os seus próprios termos, reconfigurado à sua imagem e semelhança e decisivamente sob o seu controlo. Com a energia recarregada e obsessivamente messiânico, após o período de detenção Hitler estava pronto para a marcha para o mais alto cargo. O brutal ideólogo Alfred

Rosenberg, um dos correligionários mais íntimos de Hitler na altura do *putsch*, que mais tarde viria a ser ministro de Estado de Hitler para os territórios ocupados no Leste, disse simplesmente: «O dia 9 de novembro de 1923 deu à luz o dia 30 de janeiro de 1933» — o dia em que Hitler se tornou chanceler da Alemanha.⁴

No volumoso corpo de estudos sobre Adolf Hitler, a ênfase tem sido posta, compreensivelmente, nos doze anos atrozes do Terceiro Reich, de 1933 a 1945. No entanto, os catorze anos que os precederam, de 1919 até 1933, são de importância crítica para compreender a ascensão política de Hitler e o pesadelo nazi. «Como foi possível Hitler chegar ao poder é ainda a questão mais importante da história alemã dos séculos XIX e XX, senão mesmo de toda a história alemã», escreveu o historiador Heinrich August Winkler.⁵ É uma questão que continua a intrigar e a assombrar o mundo. Até mesmo Hans Frank, um dos confidentes mais próximos de Hitler, nas suas memórias de arrependimento durante o julgamento de Nuremberga em 1946, chamou à subida de Hitler ao poder «a imprevisível ascensão».⁶ Mas nós continuamos a tentar sondá-la. Como é que o ex-soldado do exército sem estudos, apenas com uma voz atroadora e uma crença extraordinária na sua missão de salvador da Alemanha, se transformou no líder de milhões de pessoas? E o que é que esses milhões de pessoas acharam tão cativante no homenzinho com voz aguda, raciocínio rápido e certezas convenientes em relação à história e ao destino? Como é que Hitler, arredado da arena política em 1923 pelos seus delírios de grandeza, se reinventou numa cela de prisão como alguém destinado à grandeza e à liderança? Para obter respostas a estas perguntas, continuamos a voltar-nos para o cubo de Rubik da história, procurando novas pistas e percepções.

Os catorze anos de desenvolvimento de Hitler dividem-se em dois períodos principais. O primeiro é o dos anos de «aprendizagem», de 1919 a 1923, quando o recentemente autodescoberto político estava a adaptar-se e a aprender o jogo da polémica, usando punhos, cotovelos e palavras para chegar ao poder através de uma retórica incendiária e da revolução violenta. «De 1919 a 1923 não pensei em mais nada a não ser na revolução», disse Hitler.⁷

O segundo período, de 1925 a 1933, frequentemente chamado de anos de «combate», começa com o relançamento do Partido Nazi por Hitler na mesma cervejaria em que o seu *putsch* fracassara. Termina depois de oito anos de intenso combate político, com a tomada da chancelaria em Berlim por Hitler em 1933.

Entre esses dois períodos-chave de desenvolvimento encontra-se 1924, o ano de Hitler na prisão. Apesar da sua óbvia significação histórica, é um dos momentos da história nazi sobre o qual se tem escrito menos e que menos bem é compreendido. É também o ponto em que o arco da trajetória política de Hitler flete, o momento pivô que forma o tecido conetivo entre duas fases distintamente diferentes, a revolucionária e a eleitoral. No ano de 1924, o objetivo de Hitler deslocou-se, as suas crenças endureceram e preparou-se o palco para o seu notável regresso depois de uma derrota aparentemente inultrapassável. Esse período é o tema deste livro.

Para compreender o ano de transformação de Hitler na prisão, temos primeiro de compreender o *putsch* que o pôs lá. Compreender o *putsch* requer um olhar à louca cena política da Baviera nos primeiros dez meses febris de 1923. Aprender a política da Baviera implica descerrar a cortina sobre o estranho carnaval político da República de Weimar da década de 1920.

Essas forças prepararam a cena para o ano que modelou Hitler.

CAPÍTULO UM

Descobrir a Missão

«A Primeira Guerra Mundial tornou Hitler possível.»

SIR IAN KERSHAW, 1998¹

Há meses que circulavam em Munique boatos de um *putsch*. No outono de 1923, a palavra mágica nas cervejarias cheias de movimento e nas esplanadas à sombra das árvores dos cafés da capital da Baviera era *losschlagen*.² Em alemão, *losschlagen* significa atacar, reagir, desencadear — fazer com que algo aconteça. Quando é que, toda a gente queria saber, Adolf Hitler e os seus nazis iriam *losschlagen*? Ou, já agora, quando é que os poderes estabelecidos na Baviera — uma estranha mistura de liderança civil e militar encarnada num triunvirato não oficial no poder — iriam *losschlagen*? Alguém tinha de fazer alguma coisa. A esperança de Hitler era encenar uma marcha sobre «aquele antro de iniquidade», Berlim, para derrubar o governo da República de Weimar; parecia uma bela ideia à maior parte dos habitantes da Baviera naquela altura, como observou Wilhelm Hoegner, um membro social-democrata do Parlamento da Baviera. Num período de perturbação e incerteza, a probabilidade de um *putsch* «transformara-se numa ideia fixa» na capital da Baviera, escreveu.³ Hitler observou: «As pessoas gritavam-no aos quatro ventos.»⁴

Cinco anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha estava a passar por um período conturbado, de desordem social e declínio constante. A guerra deslocara o planeta político no seu eixo. Monarquias de há séculos tinham caído. Um mundo não significativamente

alterado desde o Congresso de Viena de 1815 dividira-se e apresentava fissuras. Foram redefinidas fronteiras, populações deslocadas sob novas soberanias. A Alemanha perdera as suas possessões ultramarinas e fora expulsa do grande jogo da colonização. Na Rússia, uma revolução comunista apoderara-se do país. E a República de Weimar — a primeira tentativa da Alemanha de uma democracia plena — estava assente em bases instáveis. Já passara por sete chanceleres (primeiros-ministros) e por nove governos.⁵ A súbita mudança em 1918, no pós-guerra, da monarquia dos Hohenzollern, com quatrocentos anos, para um sistema parlamentar ainda sem provas dadas — uma revolução de cima para baixo — nunca fora completamente aceite pelos nacionalistas da extrema-direita, por muitos dos militares e por partes da elite política. Até mesmo o primeiro chefe de Estado da república, o presidente Friedrich Ebert, se mostrara ambivalente: o líder do Partido Social-Democrata pretendia uma monarquia constitucional ao estilo britânico na sequência da abdicação do *kaiser* Guilherme II em novembro de 1918; ele opunha-se a uma simples república sem uma figura hereditária unificadora no topo. «Não tem o direito de proclamar a república!», disse indignado a Philipp Scheidemann, o político que fez precisamente isso de uma janela do Reichstag (o Parlamento alemão) em 9 de novembro de 1918.⁶

Nos primeiros anos da década de 1920, uma economia em profunda crise fomentou entre alguns grupos o anseio pelo regresso de um homem forte — talvez mesmo da própria monarquia. O ano de 1923 foi o pior da Alemanha desde a derrota esmagadora na guerra em 1918. A divisa hiperinflacionada do país atingiu os 4,2 *biliões* de marcos por dólar — um pão de forma custava 200 mil milhões de marcos, um ovo cerca de 80 mil milhões de marcos⁷; um bilhete de teatro, por vezes, podia obter-se não por dinheiro, mas por dois ovos. O pior era que as poupanças das pessoas estavam destruídas, e os agricultores, apesar de uma boa colheita, recusavam-se a vender os seus produtos por preços que seriam quase insignificantes no dia seguinte. A escassez de alimentos desencadeou motins. O governo alemão reagiu à espiral inflacionária simplesmente imprimindo mais e mais dinheiro; por vezes, as pessoas levavam-no em carrinhos de mão quando iam às compras.

Internamente, a Alemanha encontrava-se dilacerada por profundos e azedos antagonismos políticos. Os extremistas à esquerda (comunistas) e à direita (nacionalistas e partidos com base racial, chamados *völkisch*) competiam pelo espaço político, com numerosos partidos entre os dois extremos. Em 1920, um golpe de Estado de direita liderado por Walther von Lüttwitz e Wolfgang Kapp — tornou-se conhecido como o Putsch Kapp — tomou Berlim por quatro dias, expulsando o governo da cidade, mas logo depois desmoronou-se. Grassava a violência política, começando com o assassinio em 1919 dos líderes comunistas (na altura chamados espartacistas) Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Entre 1919 e 1922, alguns grupos de direita cometeram mais de trezentos e cinquenta assassinatos políticos, acentuando um espírito de «indiferença moral pela violência» que caracterizou os primeiros anos da República de Weimar.⁸ Um esquadrão da morte chamado Organisation Consul reclamou a autoria dos assassinatos de Matthias Erzberger, o político alemão que assinou o armistício da Primeira Guerra Mundial em 1918, e de Walther Rathenau, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, um judeu.

O descontentamento era também alimentado pela posição incerta da Alemanha no mundo. A perda da Alsácia-Lorena para a França e de pontos-chave da Alta Silésia para a Polónia através do Tratado de Versalhes de 1919 ofendia profundamente muitos alemães. Sentiam-se ainda mais enraivecidos com a ocupação da Renânia em 1918 por forças predominantemente francesas e, mais recentemente, do centro industrial da Alemanha, a região do Rur. Em janeiro de 1923, tropas belgas e francesas — seis divisões completas⁹, algumas com soldados senegaleses das colónias africanas da França — ocuparam a zona do Rur, onde se produzia carvão e aço, e a que pertenciam as importantes cidades de Düsseldorf, Duisburg e Essen. Embora oficialmente a incursão fosse uma represália por a Alemanha não ter procedido ao pagamento das reparações no pós-guerra, muitas pessoas acreditavam que o primeiro-ministro francês, Raymond Poincaré, estava principalmente à procura de uma desculpa conveniente para definir uma zona-tampão ao longo da fronteira ocidental da Alemanha com a França, a Bélgica e a Holanda e simultaneamente obter acesso aos campos

de carvão da Alemanha. A Grã-Bretanha opunha-se a esta reorganização territorial agressiva. Como uma grande parte dos pagamentos de reparação em falta deveria ser feita em carvão e postes telegráficos de madeira, um político britânico resmungou: «Não se verificava um uso mais prejudicial de madeira desde o cavalo de Troia.»¹⁰

De qualquer forma, as convulsões e as incertezas geraram um ambiente propício à revolução, ao *putsch* e à violência. O governo de Berlim apelou à resistência passiva aos invasores franceses; os trabalhadores abandonaram os seus postos de trabalho. Alguns alemães montaram uma resistência ativa e praticaram atos de sabotagem; alguns foram apanhados, julgados e executados por pelotões de fuzilamento franceses. Um sabotador de direita chamado Albert Leo Schlageter, capturado e executado, tornou-se um mártir nacional e um herói nazi. A atitude de desafio político satisfazia os Alemães, mas teve resultados económicos desastrosos: a produção industrial, da maior importância, abeirou-se da paragem total e o desemprego grassava. Para cobrir salários e subsídios perdidos, o governo recorreu à impressão de mais dinheiro, enfraquecendo desse modo ainda mais a divisa hiperinflacionada. Eclodiram greves de fome em Berlim, Hamburgo, Colónia e noutras cidades, forçando a polícia alemã a disparar sobre alemães famintos.

A rápida desmobilização na sequência do final da Primeira Guerra Mundial inundara o mercado de trabalho com mais de cinco milhões de homens, muitos sem emprego nem perspectivas de emprego, mas todos treinados numa competência: lutar. E tinham muitos motivos para lutar. As pessoas sentiam que a sua cultura, a sua política e as suas estruturas sociais se encontravam em risco, impelidas por forças centrífugas que não conseguiam controlar. Na República de Weimar, «o estado normal era de crise», escreveu o historiador Gordon Craig.¹¹ Insultados e humilhados pela cláusula de «única culpa da guerra» do Tratado de Versalhes de 1919, os Alemães viam-se sobrecarregados com uma dívida de 12,5 mil milhões de dólares em indemnizações, que consideravam ruínosa. Mesmo o início dos Anos Vinte de Ouro — um florescimento de cultura vanguardista, principalmente em Berlim — era visto em muitas partes da Alemanha, especialmente na Baviera, como uma prova da decadência e da desintegração na capital.

Em nenhuma outra parte eram estes tópicos debatidos mais acesadamente do que na Baviera. Este estado, a sede dos nazis de Hitler e de numerosos outros partidos e grupos amargamente nacionalistas, era indisciplinado e renegado na federação alemã, constantemente a fazer exigências especiais, a recusar-se a aceitar ordens nacionais e a ameaçar com a separação ou uma secessão parcial através do estabelecimento da sua própria divisa, do seu próprio sistema postal ou da sua própria rede ferroviária. A Baviera, o segundo maior estado a seguir à Prússia, era a ovelha negra da República de Weimar, a capital do *putsch* na Alemanha. O Estado Livre, como se autoapelidava, sofria com levantamentos e convulsões desde 1918, quando uma marcha de esquerda liderada por um intelectual barbudo chamado Kurt Eisner conseguiu expulsar o rei da Baviera do seu palácio da noite para o dia. Ao fim de três meses, depois de uma tentativa falhada de constituir um governo socialista, Eisner foi assassinado numa rua de Munique. Seguiu-se um período de mais conturbação. Para horror da classe média de Munique, uma República Soviética Bávara deteve o poder durante três semanas, sendo deposta em mais um espasmo de violência que envolveu tropas de direita do Freikorps enviadas de fora da Baviera. Foram cometidas atrocidades por ambas as partes.

Desde essa altura, a Baviera inclinava-se acentuadamente para a direita, atraindo um número cada vez mais elevado de nacionalistas e de revolucionários potenciais, como Hitler e o seu Partido Nazi antidemocrático. Os revolucionários eram também antirrevolucionários; recusavam-se a aceitar a legitimidade da revolução republicana de novembro de 1918. «Se estou aqui como revolucionário», observaria Hitler posteriormente, «também estou aqui contra a revolução e o crime [político].»¹² Hitler, juntamente com muitos outros na direita radical, chamava aos revolucionários de 1918 «os criminosos de novembro». Para os membros afrontados do *Frontgemeinschaft* — a irmandade da linha da frente que combatera durante tanto tempo nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial —, eram os civis de Berlim que os tinham apunhalado pelas costas. «Invictos no campo de batalha» era o seu mote. Um dos seus principais heróis, o general Erich Ludendorff, o grande estratega da Primeira Guerra Mundial, mudara-se também de Berlim para a Baviera, onde se desviou para a política de linha dura

com bases raciais. A Baviera acolheu até o capitão Hermann Ehrhardt, um líder do Putsch Kapp, que era procurado para ser preso pelo governo nacional em Berlim. Com os governos de Berlim frequentemente dominados pelos sociais-democratas — considerados marxistas pelos conservadores bávaros —, Munique tornou-se o terreno preferido dos partidos *völkisch*, um movimento baseado num racismo pró-alemão e antissemita.* Defendendo uma linha dura, um novo governo conservador em 1920 anunciou que a Baviera se tornaria «um bastião da ordem» — um enclave de paz e respeitabilidade, especialmente para partidos de direita, no atoleiro de esquerdismo que parecia dominar o resto da Alemanha. A Baviera era, como sempre, uma terra à parte.

Para Hitler, a Baviera era uma espécie de paraíso. Nascido na Áustria, Hitler criara-se na cidade de província de Linz. Mas passou cinco anos formativos, dos dezoito aos vinte e quatro anos, em Viena, a capital austríaca. Aí viveu como um artista falhado e jovem sem rumo. Rejeitado duas vezes pela Academia de Belas-Artes austríaca e sem diploma do liceu, de 1908 a 1913 Hitler viu-se reduzido a ganhar a vida a desenhar ou pintar cenas de postal para turistas, que vendia nas ruas de Viena ou a pequenos negociantes de arte, principalmente judeus.¹³ Foi de mal a pior, mudando de um quarto barato que partilhava para um quarto modesto e daí para dois albergues masculinos (um deles parcialmente subsidiado por famílias judias abastadas). No outono de 1909, aparentemente tornou-se um sem-abrigo, passando pelo menos algumas horríveis noites em cafés abertos toda a noite e em bancos de jardim e afirmando mais tarde que ficara com «frieiras graves nos dedos das mãos e dos pés» em consequência dessa situação.¹⁴ Em parte devido a essas privações, Hitler chamaria a Viena «a mais dura, mas a mais completa escola da minha vida».¹⁵

---

* A palavra *völkisch* é muito difícil de definir e quase intraduzível. Tem-se traduzido por popular, populista, do povo, racial, racista, étnico-chauvinista, nacionalista, comunitário (apenas para os alemães), conservador, tradicional, nórdico, romântico — e significa, de facto, tudo isso. A ideologia política *völkisch* abrangia desde um sentido da superioridade alemã a uma resistência espiritual aos «males da industrialização e da atomização do homem moderno», escreveu o estudioso David Jablonsky. Mas a sua componente central, como Harold J. Gordon, Jr., observou, foi sempre o racismo.